



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



**TITULO: Museus Comunitários em Meio Acadêmico: O Museu do Motor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

**EJE: Mesa de Trabalho 1, Ciência, Tecnologia e Sociedade**

**AUTOR: Julio Cesar Salgado Gaudioso<sup>1</sup>**

**REFERENCIA INSTITUCIONAL: Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

**CONTACTOS: [julio.gaudioso@ig.com.br](mailto:julio.gaudioso@ig.com.br) e [00011246@ufrgs.br](mailto:00011246@ufrgs.br)**

## **RESUMEN**

Este trabalho apresenta a influência de uma ação de extensão na formação de estudantes universitários, ao assumirem as diversas funções pertinentes à criação e manutenção de um museu, particularizado aqui pela descrição da trajetória do Museu do Motor. Criado e mantido pelos alunos do curso de Engenharia Mecânica da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil), desde seu estado embrionário no começo da década de 1990, até sua consolidação nos dias atuais, passando por crises de convívio num meio que só vislumbra o presente e o futuro, muitas vezes desprezando totalmente o passado; a luta dos alunos para manter vivo e real o sonho de preservar um acervo que abrange do século XIX ao XXI, mesmo com o risco de sua própria exclusão da universidade. Além da discussão sobre a Nova Museologia e sobre museus comunitários, aqui se expõe as diversas características peculiares a um museu de tecnologia e como elas se adequam à comunidade participante.

Palavras-chave: Museu. Museu Comunitário. Museu Acadêmico.

## **ABSTRACT**

This paper presents the influence of an extension action in the formation of university students to assume various functions relevant to creating and maintaining a museum, here particularized by the description of the trajectory of the Motor Museum. Created and maintained by students of Mechanical Engineering of the School of Engineering, Federal University of Rio Grande do Sul (Brazil), from its embryonic state in the early 1990s, until they are today, passing through crisis of living in a mean that only looks to the present and future, often totally ignoring the past, the students' struggle to keep alive and preserve the dream of a collection that spans from the XIX century to XXI century, even at the risk of his own exclusion from the university. Besides the discussion on the New Museology and community museums, here exposes the different characteristics peculiar to a museum of technology and how it fits the community participant.

Keywords: Museum. Community Museum. Academic Museum.

---

<sup>1</sup>

Engenheiro Mecânico. Diretor do Museu do Motor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Aluno de Graduação em Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil).



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



## Introdução

O Museu do Motor do Departamento de Engenharia Mecânica da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, criado no começo da década de 1990, pelos alunos do curso de Engenharia Mecânica da universidade, mais do que preservar, pesquisar, conservar e expor peças da história da tecnologia mecânica, assumiu papéis e funções que extrapolam o conceito de museu universitário de tecnologia para atingir hoje a condição de pólo catalisador de uma comunidade, onde se tem permitido que os estudantes ali abrigados desenvolvam muito mais do que apenas as habilidades inerentes aos estudos e práticas da Engenharia (de modo complementar) mas, principalmente, aquilo que o ensino formal propriamente dito não fornece. Relações humanas, crescimento da consciência de grupo e valorização da coisa pública; noções de gerenciamento de um empreendimento e de um órgão público, ou seja, mais do que simplesmente complementar os conhecimentos dados em sala de aula ou prepara-los para os mesmos, as atividades no museu tem preparado as “gerações” de estudantes que se sucedem ali para executar tarefas profissionais e enfrentar as questões do cotidiano de modo muito mais extenso e profundo. E tudo por ser um museu comunitário acadêmico de tecnologia.

## O que é museu

Os museus, conforme o Instituto Brasileiro de Museus, do Ministério da Cultura do Brasil, são definidos como:

“Uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada a outra instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e que apresenta as seguintes características: I – o trabalho permanente com o patrimônio cultural, em suas diversas manifestações; II – a presença de acervos e exposições colocados a serviço da sociedade com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade, a produção de conhecimentos e oportunidades de lazer; a utilização do patrimônio cultural como recurso educacional, turístico e de inclusão social; IV – a vocação para a comunicação, a



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



exposição, a documentação, a investigação, a interpretação e a preservação de bens culturais em suas diversas manifestações; V – a democratização do acesso, uso e produção de bens culturais para a promoção da dignidade da pessoa humana; VI – a constituição de espaços democráticos e diversificados de relação e mediação cultural, sejam eles físicos ou virtuais. Sendo assim, são considerados museus, independentemente de sua denominação, as instituições ou processos museológicos que apresentem as características acima indicadas e cumpram as funções museológicas”. (IBRAM. Disponível em: <http://www.museus.gov.br> Acesso em 28/08/2011)

## Museu convencional

Museus, além de conhecimento, são espaços de representação, tanto natural, autêntica, da vida e realidade de alguma coisa, de alguém ou sociedade, bem como daquilo que se deseja como deveria ser visto, lembrado ou reconhecido como tal. Partindo da premissa da representação criaram e desenvolveram-se as instituições museais tradicionais ao longo dos últimos séculos, seja para promover o conhecimento, ostentar riqueza e poder, obter lucro e principalmente preservar a memória (e seus recortes) de cada sociedade. Assim, firmou-se a ideia de locais solenes, de reverência, repositórios de objetos em desuso. Desde o período pré-helênico que se tem notícia de locais de armazenamento de despojos de guerra e de presentes a soberanos, como Nabucodonosor que possuía imensos “bunkers” onde colocava as obras escritas e objetos valiosos, predados de outras terras ou mesmo recebidos daqueles que pretendiam alguma benesse particular da parte de seu rei. O mesmo se dava em Alexandria (coleção de Ptolomeu I) e inúmeros outros lugares. Esse colecionismo, via de regra caótico (e assim se manteve até o final da Revolução Francesa), manteve-se ao longo dos séculos como símbolo de avareza, da parte de uns, curiosidade e passatempo de outros, opulência de indivíduos e nações. Dos elitistas “Gabinetes de Curiosidades” e das Exposições de Belas Artes, atingiu-se as especificidades encontradas em alguns dos museus atuais dedicados a objetos e temas únicos; também se aproveitou de tais espaços para, com comunicações devidamente orientadas, reforçar, reformar e mesmo criar as identidades nacionais. Locais de reverência, portanto. E onde se requeria um comportamento solene, reservado, pois museus serviam apenas como forma



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



de divulgar a visão de um grupo social sobre os temas ali expostos, um recorte de memória ou promoção de algo que os governantes pretendiam tornar de conhecimento público. Nos museus se ia para conhecer obras e fatos, para aumentar o conhecimento e lá, em silêncio quase religioso, apreciar as exposições.

Confirmações de tais regras viu-se no *Deutsches Museum*, criado em Munique por Oskar Von Miller em 1903 e que além de certa interatividade

[...] apresenta o saber técnico científico e os objetos técnicos na lógica de uma evolução linear: esta evolução deve ser compreendida como sendo a dinâmica própria da mudançacientífica e técnica no seio do processo histórico, dinâmica ideologicamente neutra devendo se executar nos limites impostos pela especialização em função das diferentes disciplinas científicas e técnicas. Esta ideologia determinista e objetiva do progresso, que se exprime na maneira imaginada por Miller de apresentar as coleções do museu não contradiz em nada o objetivo do Deutsches Museum, que é o de lançar a 'primeira pedra de uma verdadeira história científica da técnica'. Nesse sentido, no espírito dos cientistas e dos engenheiros, as diferentes disciplinas se desenvolvem segundo sua própria lógica [...] Esta forma estreita de ver as coisas permitiu aos cientistas e aos engenheiros de liberar seu trabalho de toda a historicidade reduzindo a dimensão histórica de suas descobertas e de suas invenções à linearidade de sua sucessão no tempo. A falta de abertura, caracterizando a lógica inerente do Deutsches Museum em função das diferentes disciplinas científicas e técnicas, foi assim reforçada e reproduzida identicamente. (OSIETZKI, 1992, p.154-155, apud VALENTE, 2008, p 50)

Hoje, esse conceito aos poucos, muito lentamente, começa a dar lugar à compreensão do museu como lugar de prazer, fruição, enriquecimento interior. Nos grandes centros muitos espaços museais já se tornam pontos de convívio, mesclando arquitetura, cultura, arte e conhecimento com praças de alimentação, *shopping centers* etc., numa clara demonstração da instituição acompanhando os anseios da sociedade, num dinamismo que se revela no artigo *The Museum: A Temple or the Forum*:

Quem poderá me convencer que o museu-templo preenche um papel essencial em toda a sociedade que pretende ser civilizada? Servirei-me talvez de argumentos para uma reforma do museu, mas não é a questão desta reforma que me interessa aqui, mas aquela dos fóruns, o que é totalmente outra coisa. (Cameron, 1971, p.23, apud Valente, 2008, p. 24)

## Museu Comunitário



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



Esse conjunto de mudanças teve como marco histórico a “Carta de Santiago” onde, em 1972 um encontro internacional de museologia (Mesa Redonda de Santiago do Chile) propôs a ampliação do conceito de instituição museológica. Nesse novo modelo foram lançadas as bases para o Movimento Internacional da Nova Museologia, o MINOM, o qual estabeleceu uma ampla gama de novas instituições museológicas, dentre as quais encontram-se os museus comunitários . Esse tipo de museu apresenta algumas diferenças em relação aos museus tradicionais, como poderá ser visto a seguir.

Sendo uma construção coletiva de um grupo social, geralmente apresenta como acervo objetos doados pela própria comunidade, como contribuição individual para elaboração de uma memória patrimonial identificada com tal coletividade, legitimando a sua história, sua ligação com aquele território, numa estreita interligação entre esse território e os patrimônios material e imaterial reconhecidos como tal pela comunidade que executa esse processo de criar um espaço de memória que a represente. Nas palavras de Ocampo e Lersch (2010): “É um processo coletivo que ganha vida **dentro** da comunidade, é um museu **da** comunidade e não algo construído de fora **para** a comunidade”.

Tal como um museu tradicional, porém com muito maior ênfase, a etapa pós instalação propriamente dita representa um contínuo desenvolvimento de uma sociedade, nunca cessando de se aperfeiçoar junto com essa, apresentando-se como uma organização “viva”, cuja pujança advém da própria participação da comunidade à qual pertence. O museu passou a ser um elemento ativo na comunidade. Muito além de simplesmente expor as obras para fruição coletiva, passa a receber o público como integrante, quiçá o principal acervo da instituição. Ao reconhecer aquele espaço como seu, o público alvo valoriza e trabalha por aperfeiçoar cada vez mais sua instituição, num processo dinâmico contínuo, tal como a própria sociedade que ali se vê representada. Acima de tudo, é o sentimento de **pertencimento** dos membros daquela comunidade que define um museu comunitário.

## Os Museus Universitários

Os museus acadêmicos, justamente os primeiros museus a serem criados na era moderna, como o Ashmolean Museum em Oxford, na Inglaterra, no ano de 1683, inicialmente surgem como embrião dos “gabinetes de curiosidades”, evoluindo para suporte



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



pedagógico e pesquisa dos exemplares ali apresentados, muitos advindos das expedições científicas, como até hoje são realizadas, ou trazidas de terras distantes por viajantes. Além de apoio para as atividades de ensino e pesquisa, tem os museus universitários a função de despertar vocações específicas entre os acadêmicos, bem como no público externo que ali visita, numa ponte de comunicação entre a universidade e a sociedade como um todo, divulgando para esta a ciência realizada intramuros, tornando através de uma ação extensionista, palatável os atos acadêmicos e os acervos expostos. Isso ficou bem claro no texto da *Declaração de Halle* - "Patrimônio Acadêmico e Universidades: Responsabilidade e acesso ao público":

"As universidades devem ter consciência de seu papel cultural. As coleções e os museus universitários proporcionam ocasiões particulares de realizar experiências e participar na vida da universidade. Estas coleções servem como recursos ativos para o ensino e investigação, bem como constituem arquivos históricos únicos e insubstituíveis. Em particular, as coleções das mais antigas universidades européias são testemunhos do papel desempenhado pela universidade na definição e na interpretação da nossa identidade cultural. Valorizando e desenvolvendo este patrimônio acadêmico comum às nossas intuições testemunham o seu empenho numa utilização contínua desses recursos para um público ampliado." (Halle-Wittenberg, 2000, apud Bragança Gil, 2006)

A grande maioria dos museus universitários dividem-se entre os voltados quase só para a pesquisa (como os herbários, por exemplo) e aqueles com foco na divulgação das ciências e produções acadêmicas, no que se inclui os *science centers*, com seus aparelhos construídos especialmente para ilustrar educar e maravilhar o público visitante.

"Atualmente os museus são reconhecidos como ambientes de aprendizagem ativa e seus profissionais se preocupam em saber que tipo de aprendizagem neles ocorre. [...] Como são locais que possibilitam intensa interação social entre os visitantes, exploração ativa e ricas experiências afetivas, culturais e cognitivas (Beetlestone et al., 1998), considera-se pertinente esboçar uma pedagogia que leve em conta as singularidades destes espaços não formais de educação científica. [...].

Assim como o laboratório não pode mais ser considerado a panacéia do ensino de ciências, a interatividade não pode ser considerada sinônimo de efetividade (Falcão, 1999). Caso as concepções prévias dos alunos, relacionadas aos seus modelos mentais, não sejam levadas em conta, as conclusões e explicações poderão reforçar tais idéias alternativas às



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



científicas.[...] Espera-se assim que as visitas aos museus contribuam para a alfabetização científica com uma dimensão cívica, ou seja, constituída de elementos de relevância social e que tornam o cidadão apto a participar de forma mais bem informada e, portanto, mais consistente nos debates político-sociais.

[...]Entre os elementos que devem ser considerados em uma *transposição museográfica* está a abordagem multidisciplinar [...] com a preocupação de integrar conteúdo, demonstração e interação com o público, tornando as exposições acessíveis aos visitantes, de forma que eles dêem significado aos temas apresentados.

[...] Espera-se assim que as visitas aos museus contribuam para a alfabetização científica com uma dimensão cívica, ou seja, constituída de elementos de relevância social e que tornam o cidadão apto a participar de forma mais bem informada e, portanto, mais consistente nos debates político-sociais.” (Cazelli et alli, 1999)

## Museu e Extensão

Outro aspecto a ser visto é o da extensão, elemento intrínseco aos museus universitários e que tem recebido cada vez mais atenção das instituições, numa mudança de visão da academia, que compreende hoje que o ensino formal tem de ser complementa por outras formas, de modo a tornar os seus egressos mais do que profissionais, cidadãos. Também é necessário formar pontes de comunicação com a sociedade, como meio direto de transmissão dos saberes desenvolvidos na instituição

“[...] a atuação de um museu universitário deve ser parte de uma política universitária sistêmica e estruturante, resultado de um processo de planejamento estratégico, envolvendo o coletivo dos museus. É certo que a construção dessa política só será possível se a considerarmos como uma aventura coletiva, estendendo-a a mais pessoas, buscando torná-la mais profunda, mais abrangente, mais plural, a partir dos encontros e trocas, incorporados ao cotidiano dos nossos museus, dos nossos departamentos, das nossas salas de aula, dos segmentos responsáveis pela gestão universitária e, sobretudo, da nossa disponibilidade em nos abrir para outros segmentos da sociedade, buscando novas alternativas a partir de outros olhares e saberes.

Comentando a importância da extensão para a universidade do séc. XXI, (Santos, 2005, p. 175) registra que a reforma da universidade deve conferir uma nova centralidade às atividades de extensão e concebê-las de modo alternativo ao capitalismo global, atribuindo às universidades uma participação ativa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental e na defesa da diversidade cultural. Considero que os museus universitários são partes



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



integrante desse contexto e não poderão ficar ausentes dos programas e projetos de extensão, pois possuem um grande potencial a ser explorado.” (SANTOS, 2006, p. 2 e 4)

## HISTÓRIA DO MUSEU DO MOTOR



Instituto Parobé: Sede do DEMEC e do **MUSEU do MOTOR**

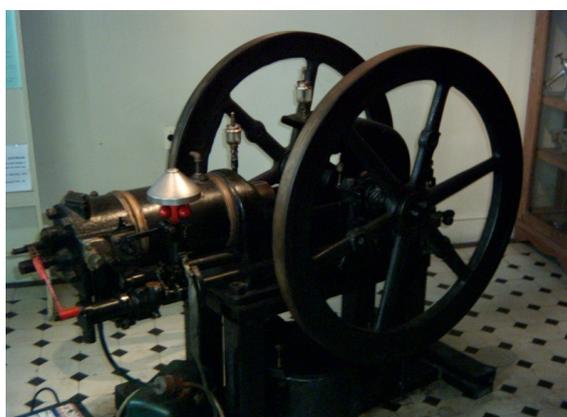
Em 1991, um grupo de estudantes de Engenharia Mecânica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, nas suas incursões exploratórias pelo campus central da universidade em Porto Alegre, descobriu abandonados nos porões da Escola de Engenharia da UFRGS, alguns motores antigos. Dentre eles, o que aparentava ser apenas um motor a vapor, após as pesquisas efetuadas acabou revelando-se uma verdadeira relíquia na história da engenharia mecânica mundial, um raríssimo motor estacionário do século XIX, da marca OTTO, justamente aquela que criou o conceito dos motores utilizados até hoje na quase totalidade dos veículos automotores no mundo. Num primeiro momento, os estudantes pensando apenas na diversão que para eles representaria a possibilidade de colocar alguns motores em funcionamento, começaram a recuperar aqueles que pareciam ser mais fácil de por em funcionamento. Tudo ainda nos porões, com limitações de espaço, iluminação e ventilação, suplantando tudo isso com extrema paixão pelas máquinas. Então souberam da notícia que os motores iriam ser sucateados e vendidos a peso; os alunos, então, interessaram-se em restaurá-los de modo mais intenso e regular e, o que é mais importante, preservá-los. Sem que percebessem, surgia assim o embrião do que viria a ser o Museu do Motor da UFRGS. Vontade de manusear e conservar sobrava, faltavam condições para

executar tal empreitada. Para conseguir seu intento, os alunos procuraram o então chefe do Departamento de Engenharia Mecânica (DEMEC), professor Alberto Tamagna, o qual imediatamente se entusiasmou com a proposta dos estudantes e franqueou aos mesmos uma sala do prédio do DEMEC, bem como forneceu integral apoio ao grupo, passando a dar todo o suporte que estava ao alcance daquela chefia, e além do incentivo para ampliar as atividades da simples restauração para a criação de um verdadeiro museu, tornou-se o primeiro coordenador docente do Museu do Motor.



(1991)

Motor Otto Modelo 5 HP, de 1894



(2011)

No início, os alunos encontraram grandes dificuldades para realizar seu trabalho, pois os motores se encontravam em péssimo estado de conservação e havia falta de recursos e de equipamentos, assim como conhecimentos específicos para restaurar as diversas peças, sem contar que a sala fornecida pelo departamento ficava no segundo pavimento e os motores pesam algumas centenas de quilogramas. Um elevador de obras, provisoriamente instalado para manutenção e reforma do telhado do prédio serviu para superar tal limitação, numa improvisação que se tornou a “marca registrada” do grupo até hoje. Contando com o apoio empresarial (na forma de doações de ferramentas e material de oficina em geral), de associações como o Veteran Car Club do RS e outros (doações de peças para os motores que viriam a ser restaurados), além do apoio de pessoas interessadas no trabalho e principalmente as doações materiais do próprio grupo - o que se mantém até hoje -, conseguiram, no dia 1º de setembro de 1994, inaugurar oficialmente o Museu do Motor, após seu reconhecimento legal em cartório. Sempre, numa expressão daquilo que se tornou padrão no Museu do Motor, com os alunos aprendendo e executando todas as tarefas pertinentes a registro legal, reforma, montagem e manutenção de um salão de exposição (sala 204) e uma biblioteca setorial, bem como o restauro de novos motores e

componentes periféricos que eram encontrados em diversos pontos da Escola de Engenharia ou doados das diversas fontes citadas. Tudo isso fazendo com que o grupo crescesse em número de integrantes e em formação pessoal, posto que todas essas funções mencionadas não fazem parte da formação do engenheiro mecânico, elas acabam por tornar esses jovens, cidadãos mais completos.



1993: Primeiro espaço do museu, oficina, sala 201



1994: Inauguração do museu, sala 204

Passados os primeiros momentos da instalação do grupo no prédio do DEMEC e criação física do museu, houve a compreensão da necessidade de comunicar a novidade para os demais colegas de curso, como forma de perpetuar o museu. Com autorização do departamento, foi instituída em 1992 uma aula para os calouros do curso, contando do museu e convidando-os para ingressar e participar das atividades. Devido ao sucesso dessa iniciativa, tornou-se uma atividade tradicional para o museu até hoje a aula para os calouros a cada começo de período letivo. Até esse ponto, era apenas um “museu de departamento”, um museu de veiculação e visitação quase exclusivamente entre os diversos membros do departamento de engenharia mecânica.

A cada aula para os calouros do curso de engenharia mecânica, tem-se confirmado que o interesse dos meninos e meninas pelo museu, é tanto maior quanto menor ou menos profundo é o conhecimento inicial destes das coisas da mecânica, dos motores e dos princípios que os regem. Visto que o modelo vigente desde o começo do Museu do Motor é o de cada um que sabe (algo, algum conhecimento particular) transmite para quem vem depois, num permanente fluir e transmitir conhecimentos formais e particularmente os não formais, que só vêm confirmar a importância que esse local adquire para aqueles que mesmo podendo calcular todos os parâmetros de um parafuso, sequer sabem para que lado girar uma chave de fendas e, após a passagem pelo museu, se mostram plenos de



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



confiança e sapiência para resolver os mais intrincados problemas de engenharia e mesmo questões de relacionamento profissional e pessoal, como vários casos acompanhados ao longo dos anos. Estudantes que tem extrema dificuldade de falar para uns poucos colegas em sala de aula e de repente são dão conta que estão falando tranqüilamente para uma centena de pessoas completamente estranhas. Meninas tímidas que recebem os visitantes e demonstram dinamicamente os motores com segurança. Rapazes que conseguem transmitir os mais complexos conceitos em mecânica com a autoridade de quem opera e repara os mais diversos tipos de engenhos. E podem utilizar os mais diversos equipamentos à disposição para cumprir tais tarefas, com um grau de criatividade desenvolvido ao longo dos períodos de convívio no Museu do Motor. Uma ação de extensão que une a trivial fruição do público externo, com o desenvolvimento, fruição e crescimento pessoal dos membros do museu.

Dessa época até os dias de hoje, o Museu do Motor ampliou sua gama de atividades através da criação da Oficina do Museu para restauro dos motores e artefatos antigos, da promoção de exposições de automóveis, da divulgação da engenharia mecânica para os alunos de ensino médio e fundamental, através de palestras e demonstrações, além de oferecer cursos de extensão na área da mecânica de veículos terrestres e aeronáuticos para alunos da UFRGS, bem como para o público em geral.

Em 1993, os integrantes do museu do motor tiveram a oportunidade de freqüentar um curso de motores no Centro de Treinamento da General Motors do Brasil, em Porto Alegre. Esse curso reforçou ainda mais os conceitos daqueles elementos que formavam o núcleo específico de estudos de motores, o GDEM, o Grupo Discente de Estudos de Motores, pois além de restaurar os motores, alguns alunos passaram a fazer pesquisas no campo dos motores endotérmicos.

Em 1996, inaugurou-se um novo campo de atividade no museu. No dia 29 de setembro, utilizando o pátio de estacionamento da Escola de Engenharia, realizou-se o I Old Car Show, uma exposição de carros antigos, à qual participaram 15 automóveis, com boa afluência de público, estimulando a realização, no mesmo local, do II Old Car Show, em 15 de dezembro do mesmo ano, com sucesso ainda maior.

Desse sucesso, partiu-se em julho de 1997 para um evento muito maior, o I Motorshow, um grande encontro de carros antigos, que reuniu mais de duas mil pessoas em torno dos mais de 180 veículos, expostos desta vez no estacionamento central do campus, junto com um carro suspenso a grande altura por um guindaste, enquanto vários membros do museu encaminhavam os visitantes para conhecer o acervo do Museu e aprender um pouco da própria história ao ver as peças ali expostas.



Eventos do Museu do Motor: Grupo unido e público entusiasmado.

Em março de 1998, o Museu do Motor foi convidado pelo Veteran Car Club do Brasil/RS para participar do “Porto Alegre Classic - Salão Gaúcho de Automóveis Antigos”, no *shopping* DC Navegantes, expondo ali seu precioso motor Otto 1894.

Essas atividades do Museu do Motor, mesmo quando em menor escala, passaram a fazer parte do calendário de eventos de Porto Alegre. Tanto que as últimas edições (2010 e 2011) do Motorshow foram motivo de reportagens das emissoras de televisão do estado, sendo que em 2011 um popular programa voltado ao público jovem se instalou dentro do evento, realizando brincadeiras e animando o público que frequentou a mostra veicular

Em 1999, tendo como novo coordenador docente o professor José Gerbase Filho, formalizou-se um acordo com a empresa Maxion, no qual esta forneceu várias bolsas de treinamento operacional em linha de montagem de motores diesel, enquanto os membros do museu por sua vez aplicavam sua *expertise* em restauro em antigos motores da empresa canoense, recebendo no final do período (2002) um exemplar para executar um primoroso recorte deste, de modo a permitir a visualização plena de um motor de forma dinâmica, pelo uso de um motor elétrico oculto, projeto totalmente planejado e executado pelos estudantes nos seus mínimos detalhes, mostrando que o tempo de participação no museu os tornou hábeis tanto na parte de projeto como executores de tarefas normalmente não seriam entregues a neófitos na arte de preparar para exposição um tão complexo acervo. Mesmo

hoje, ao examinar tal equipamento, facilmente percebe-se o zelo, seriedade e criatividade com que esse motor expográfico foi desenvolvido. Tal característica também foi aplicada em outras peças interativas da coleção.

O Museu teve ainda, a partir de 1997, sua própria equipe de competição de mini baja (gaiolas de corrida), a “**Otto Boys**”, que participava das provas universitárias nacionais de construção e competição de carros deste tipo entre estudantes de engenharia, alcançando resultados expressivos. No primeiro ano, a pesar do pouco tempo para projeto, construção e preparo do veículo, os garotos conseguiram vencer a prova de fundo, um difícil enduro de quadro horas numa pista de terra. Em 1999 e 2000, foi a melhor classificada entre as equipes da região sul do país. A criatividade desenvolvida no museu e principalmente a unidade do grupo foram considerados aspectos chave para obtenção desses resultados. Tanto que membros de outras equipes, inclusive de outros estados, visitavam o espaço reservado ao grupo, para tentar entender como uma equipe com recursos financeiros limitadíssimos alcançava tal sucesso. Mas devido à escassez de tempo e conflito de funções com o museu, interromperam-se as atividades da equipe Otto Boys logo após a prova nacional de 2003.



Os energéticos acadêmicos e seu símbolo

No começo do século XXI, a UFRGS, até então conhecida como uma universidade quase hermética, decidiu divulgar para a sociedade as atividades que ali são feitas e o conhecimento produzido pela comunidade acadêmica, como forma de dar transparência ao uso das verbas públicas, criando o “UFRGS de Portas Abertas”, evento realizado sempre no segundo sábado de maio, onde muitos laboratórios recebem o público, principalmente escolar de todo o estado, para demonstrações. Desde a primeira edição até hoje, o Museu



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



do Motor tem estado sempre entre os locais mais visitados, fato inclusive destacado pela imprensa local.

Mas nem tudo são flores na história do Museu do Motor. Ainda em 2002, uma mudança na filosofia de ação do Departamento de Engenharia Mecânica, levou o grupo de acadêmicos dirigente do museu a provar o caráter comunitário do Museu do Motor. Um novo chefe de departamento, por motivos ignorados, preferiu reduzir a expressão do museu a um conjunto de vitrines no saguão do prédio, sem qualquer consulta prévia ou informação ao grupo dirigente do museu, sob a alegação de necessitar de espaço para mais salas de aulas, obrigando assim a retirar o salão de exposições do museu. Numa reação sem precedentes na história do departamento, a comunidade dos estudantes de engenharia, capitaneados pelos integrantes do museu, partiram para a resistência e o confronto, inicialmente com o departamento e depois com o próprio conselho da Escola, buscando apoio na imprensa local e com políticos de expressão não apenas em Porto Alegre, mas no estado e no país, como forma de salvar o “seu museu” da semi-extinção que se prenunciava.

Mesmo sob a ameaça de expulsão dos quadros da universidade, tendo de se submeter a julgamento em conselho, visto a veemência com que defendiam “a sua” instituição, o grupo manteve-se firme e coeso na defesa de um patrimônio construído de modo inconsciente, mas sólido, exigindo garantias explícitas da Escola de que seu amado acervo não seria dilapidado ou sucateado, tal como ocorrera em outras ocasiões dentro da universidade, com perdas patrimoniais irreparáveis para esta instituição. Assim, dadas tais garantias, aceitaram expor o acervo no saguão, ficando a maioria das peças expostas em vitrines especialmente construídas, além de alguns motores posicionados no solo, para acionamento dinâmico, como o motor Otto (que é o próprio símbolo do museu, estando no logotipo) e o Ford V8 “272”, ambos sempre muito requisitados pelos estudantes e pelo público visitante, permanecendo a oficina da sala 201 agora com todas as demais funções do museu, sejam operacionais, administrativas e mesmo expositivas em menor escala. Várias adaptações tiveram de ser feitas na antiga oficina para tornar esta um local de convívio do grupo, sem descaracterizar o ambiente de visitação, tanto do público externo como e principalmente dos alunos do curso, que sempre após as aulas, para ali se dirigiam para conversar, trocar idéias e se informar sobre os temas preponderantes no local, como motores, veículos etc.



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



Em 2007, nova mudança. Tendo como seu novo coordenador docente, o professor Pedro Barbosa Mello e graças a uma reformulação das diretrizes da Escola de Engenharia e da Secretaria do Patrimônio Histórico da universidade, onde esta solicitou o retorno da formato do prédio do Instituto Parobé (nome do edifício do DEMEC) à sua configuração original de 1928, então descaracterizada por um conjunto de paredes que vedavam uma parte do andar térreo, bem como o deslocamento do laboratório ali instalado para outro prédio, possibilitou ao museu resgatar uma boa parte do espaço perdido, assumindo todo o volume central do andar inferior do edifício. E, além de tudo isso, continuar com os ciclos de palestras e exposições.

Também houve a preocupação com a proteção física do acervo, iniciando com um aprimoramento de sua documentação e a instalação de um equipamento de monitoramento e vigilância eletrônica, atualmente composto por dezesseis câmeras e dois computadores de armazenamento de imagens com capacidade de vários meses, para controle de todo o acervo exposto e administrativo. Sendo a parte de documentação um trabalho específico, por quatro semestres foram mantidas bolsistas do curso de Museologia da própria UFRGS, as quais deram início a complementação da documentação museológica de acordo com as novas exigências da legislação, inexistentes quando da criação do Museu do Motor, pois o mesmo, a pesar de estar cadastrado no Sistema Brasileiro de Museus (do IBRAM) e no Sistema Estadual de Museus, ainda precisa passar por processamento técnico museológico para se adequar às normas atuais.

Grças a essas grandes e demoradas mudanças, o museu pode gradualmente voltar a executar suas funções de pesquisa (no acervo) e restauro de novos motores. E sempre como local de convívio e troca de informações sobre motores pelos estudantes de engenharia. Agora com administração centrada na sala 100 do Instituto Parobé, novamente o Museu do Motor tornou-se o pólo de atração acadêmica, com novos integrantes buscando espaço de aprendizagem prática do tema principal de seu interesse, os motores. E mantendo o espírito que norteou o grupo de acadêmicos até aqui, com a busca do desenvolvimento e consolidação de um espaço “que lhes pertence”, o qual continuam a engrandecer com a doação pessoal de seu acervo mais importante: O seu afeto pelo museu e reconhecimento dele como o seu lugar na universidade.



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



## Conclusão

Assim, se pode concluir válido considerar o Museu do Motor como um museu comunitário, pois ao longo de toda sua história, desde a sua criação, a instituição foi sempre gerida pelo grupo de estudantes do curso de engenharia mecânica da UFRGS, os quais, mesmo sem qualquer formação patrimonial prévia, sempre mantiveram seu profundo apreço e dedicação ao museu do qual consideram fazer parte durante a etapa acadêmica de suas vidas.

## Bibliografia

BRAGANÇA GIL, Fernando. **Museus Universitários: Sua Especificidade no Âmbito da Museologia**. Lisboa, 2009.

CAZELLI, Sibeli; SOUSA, Guaracira Gouvêa de; SOUSA, Carlos Nereu de; Franco, Creso. **O que os Estudantes Fazem em um Museu de Ciências: Avaliando a Efetividade de uma Exposição sobre Astronomia**. Revista Bras. De Estudos Pedagógicos. Brasília, v. 75, n. 179/180/181, 1994.

DELICADO, Ana; **Para Que Servem os Museus Científicos? Funções e Finalidades dos espaços de musealização da ciência**. In: Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 8., 2004, Coimbra. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/LAB2004>. Acesso em: 2 de junho de 2011.

GRUZMAN,Carla; SIQUEIRA, Vera Helena F. de. **O papel educacional do Museu de Ciências: desafios e transformações conceituais**. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias. Vigo, Vol. 6, Nº 2 ,p.402-423, 2007.

ALMEIDA, Adriana Mortara. **Museus e Coleções Universitários: Por que Museus de Arte na Universidade de São Paulo?** São Paulo: USP/Escola de Comunicações e Artes, 2001. (Tese de doutorado)



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



CONSTANTIN, Ana Cristina Chaves. **Museus Interativos de Ciências: Espaços Complementares de Educação.** Interciencia, Caracas, vol. 26, n. 5, Asociación Interciencia, 2001.

JALIL, Bertha Teresa Abraham. **Museos y Democracia. Los Museos Como Espacios de Experiencias Comunitárias.** Contribuciones desde Coapetec, Toluca: UAEMEX, 2008.

LERSCH, Teresa Morales; OCAMPO, Cuauhtémoc Camarena. **O conceito de museu comunitário : história vivida ou memória para transformar a história?** Oaxaca, 2004

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **MUSEU E COMUNIDADE: uma relação necessária.** Reunião Anual do Instituto Biológico, 13., São Paulo, 2000. Anais do...São Paulo, 2001.

VALENTE, Maria Esther Alvarez. **Os Museus de Ciência e Tecnologia: Algumas perspectivas no Brasil dos anos 1980.** In: *Encontro Regional de História – O lugar da História, 17.,2004,Campinas. Anais do...* Campinas: ANPUH/SPUNICAMP, 2004. 1 Cd-rom

\_\_\_\_\_. **Museus de Ciências e Tecnologia no Brasil: uma história da museologia entre as décadas de 1950-1970.** Campinas: UNICAMP, 2008 (Tese de doutorado)